



Identidade! é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

**ENCRUZILHADAS
EPISTEMOLÓGICAS NA
CIÊNCIA DA RELIGIÃO:
UMA REFLEXÃO SOBRE AS
CATEGORIAS ANALÍTICAS
"TEOLOGIA" E
"COSMOPERCEÇÃO" PARA A
CONSTRUÇÃO DA
DISCIPLINA**

**EPISTEMOLOGICAL
CROSSROADS IN THE
SCIENCE OF RELIGION: A
REFLECTION ON THE
"THEOLOGICAL"
ANALYTICAL CATEGORIES
AND "COSMOPERCEPTION"
FOR THE CONSTRUCTION OF
THE DISCIPLINE**

Eduardo Bonine

Jornalista. Mestre em Ciência da Religião pela PUC-SP, pesquisador no grupo Veredas: o imaginário religioso.

Dedicado a meu orientador Ênio José da Costa Brito.

Resumo: Este texto pretende apresentar uma alternativa epistemológica que pode oferecer resultados de pesquisa mais alinhados à teoria decolonial na disciplina de Ciência da Religião. Pensar alternativas conceituais que não reforcem o epistemicídio hegemônico por meio de métodos comparativos é mais do que um caminho a se percorrer, pode se revelar como uma oportunidade de conhecimento e de produção científica a partir de lugares pouco visitados em sua integridade. Cosmopercepção e teologia são as categorias analíticas que, embora não sejam antagônicas, apontam para direções diferentes.

Palavras-chave: Candomblé. Religiões afro-brasileiras. Cosmopercepção. Teologia. Estudos afro-diaspóricos. Estudos decoloniais.

Abstract: This text intends to present an epistemological alternative that can offer research results more aligned to the decolonial theory in the discipline of Science of Religion. Thinking of conceptual alternatives that do not reinforce the hegemonic epistemicide by means of comparative methods is more than a path to be taken, it can reveal itself as an opportunity for knowledge and scientific production from places little visited in its integrity. Cosmoperception and theology are the analytical categories that, although not antagonistic, point in different directions.

Keywords: Candomble. Afro-Brazilian religions. Cosmoperception. Theology. Afro-studies. Decolonial studies.

Introdução

Esta reflexão surgiu após a defesa da minha dissertação de mestrado na Ciência da Religião da PUC de São Paulo. Diante de uma pesquisa sobre o possível embranquecimento do

candomblé¹ paulistano e da apresentação de uma perspectiva diferente para se analisar a religião no contexto da metrópole, por meio da cosmopercepção dos terreiros e não das categorias analíticas da epistemologia hegemônica, uma provocação na arguição foi levantada: caberia pensar “teologia” de terreiros?

Diante disso, considero eficaz abrir esta reflexão com as palavras do historiador e escritor Luiz Antonio Simas:

Nosso racismo epistêmico, que muitas vezes se manifesta em curiosa simpatia pela macumba, no fundo não reconhece esses saberes como sofisticados e libertadores, mas apenas como peculiares e folclorizantes. Nós, que na maioria das vezes somos ensinados a ver no corpo o signo do pecado, é que não temos a mais vaga ideia de como lidar com ele. As pombogiras gargalham para as nossas limitações, enquanto dançam na rua.²

Somada a essas palavras encontra-se a metáfora tão bem apropriada por meu orientador das “veredas epistemológicas” e a importância em percorrê-las quando se debruça por religiões que se constroem não no grande sertão monoteísta canonizado hegemonicamente.

Por isso, a resposta à arguição não foi um “não” nem um “sim”, mas outra provocação: em vez de percorrer o caminho já percorrido pela disciplina, na identificação e nos estudos teológicos para categorizar religiões, por que não perceber as possibilidades dos outros caminhos dessa encruzilhada? Por que não observar por meio da cosmopercepção?

Importante ressaltar que não se trata de uma dicotomia, de defender uma binariedade analítica, de categorizar o que é “teologia” e o que é “cosmopercepção”, a fim de colocá-las como antagônicas. De novo: se trata de uma encruzilhada. Quatro são os caminhos possíveis de serem percorridos. Um não anula o outro, pelo contrário, são frutos de uma mesma esquina, de um mesmo chão, de um mesmo saber, construídos e reconstruídos em constante devir.

O que cabe, aqui, é entender que a perspectiva elaborada em um terreiro é tão social, histórica, política, economicamente importante quanto religiosa. Por isso, olhar para esse constante fazer e refazer religioso, é perceber que muitos detalhes escapam das categorias analíticas pertencentes à disciplina, mas são esses detalhes que também precisam de ser evidenciados e de maneira autônoma, por meio de outras perspectivas.

¹ BONINE, Eduardo. *Embranquecimento do candomblé?* Uma análise da linha sucessória do Axé Ilê Obá, terreiro de nação Queto no bairro do Jabaquara, em São Paulo. 2020. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

² SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020, p. 23.

Uma disciplina como a Ciência da Religião que se constrói epistemologicamente enraizada a outras disciplinas, por que abandonaria a oportunidade de defender a sua vanguarda acadêmica e propor outros olhares? Como na própria encruzilhada, sempre cabe mais um.

Teologia ou Cosmopercepção?

Colocar a teologia como uma categoria analítica, um conceito epistemológico, na Ciência da Religião já é um movimento controverso sobre o qual pesquisadores e pesquisadoras³ defensores da autonomia disciplinar dessa ciência já têm se debruçado. Essa ideia de separar estudos se faz necessária para demarcar os territórios ocupados por disciplinas autônomas, embora as fronteiras possam ser atravessadas e vez ou outra se esbarram ou então se unem, justamente por observar algo em comum: a religião.

O que este texto pretende discutir não são as diferenças entre a ótica teológica e a ótica científica, já pressupondo um esclarecimento do leitor em relação a esse debate. O que se propõe aqui é uma reflexão sobre o caráter metodológico de observação da religião, por um olhar científico, que lança mão de uma estratégia comparativa para analisar socialmente os ambientes e os saberes religiosos.

Essa estratégia comparativa pode resvalar em uma gangorra que potencializa um grupo religioso em detrimento de outro, mesmo que se utilize de uma análise por meio de “modelo ideal”: o que seria esse modelo ideal?

Inferir que a compreensão de uma religião parte de uma teologia (de novo, enquanto uma categoria analítica, um recurso de definição), descaracteriza saberes religiosos que não se enquadram nas definições do que “compõe um conjunto de princípios, uma doutrina”⁴.

Acredito, neste ponto, que mais relevante ainda seja se provocar enquanto cientista da religião em porque salta aos olhos uma categoria epistemológica da escola europeia para abarcar “os saberes religiosos”. Não existiram outras? Como exemplo da própria arguição de minha dissertação, por que dizer “teologia candomblecista?”.

³ USARSKI, Frank. A “tradição da segunda ordem” como fonte identitária da Ciência da Religião: reflexões epistemológicas e concretizações. *INTERAÇÕES*, Belo Horizonte, v. 13, n. 23, p. 23-37, jan./jul. 2018.

⁴ Definição do dicionário de Oxford, bem como “ciência ou estudo que se ocupa de Deus, de sua natureza e seus atributos e de suas relações o homem e com o universo”.

Tentar encaixar a sabença⁵ dos terreiros em métodos hegemônicos e conceitos que já instigam discussões na Ciência da Religião menos tem a acrescentar a pesquisas de candomblé, de umbanda e de religiões de matriz africana, justamente por invalidar uma autonomia desses territórios e reforçar um perigoso racismo epistemológico disfarçado. Esse racismo podendo, inclusive, ser evidenciado na resistência da produção científica em considerar os saberes orais também como elementos constitutivos de uma epistemologia, tão válida quanto a escrita.

Um olhar mais atencioso para a oralidade, encará-la (de maneira científica) com rigor factual é uma proposta deste texto, uma provocação para justamente entender o que, talvez, ainda esteja muito latente na defesa da categoria “teologia” como recurso para tentar encaixar um outro saber que tem sua própria definição. Essa definição, por exemplo, poderia ser observada por meio de um olhar que conferisse autonomia à constituição religiosa, àquele saber produzido pelo grupo religioso observado.

Seria uma forma de atravessamento, ou como Simas categoriza de “culturas de frestas”:

Aquelas que driblam o padrão normativo e canônico e insinuam respostas inusitadas para sobreviver no meio que normalmente não as acolheria [...] Temos cada vez mais a necessidade de ousar olhares originais contra a tendência de normatização, unificação e planificação dos modos de ser das mulheres e dos homens no mundo. Nossa tarefa brasileira é a de superar a exclusão e, ao mesmo tempo, a ideia de missão civilizadora que insiste exclusivamente nos padrões de representatividade, consumo e educação engessados pelo cânone.⁶

Em nossa própria disciplina, no contexto brasileiro em que, igual às palavras de Simas, é preciso superar a exclusão e a missão civilizadora no conflito colonialista, já é possível encontrar a defesa contundente de se observar a memória oral como uma contribuição legítima para a produção científica:

No estudo de poéticas e políticas orais constata-se que o corpo fala e que a memória oral faz dele o seu suporte. Têm-se então interações corpo/memória ou corpo comunitário/tradições orais. Os corpos de tradições orais são gestados ao longo do tempo e precedem sua publicação.⁷

⁵ Sabença é uma estratégia linguística para articular a cosmopercepção dos terreiros de candomblé, complexos em si. Sabença pode ser observada (e aconselho que seja) como a junção de “essa + bênção”, uma vez que a entrada de um indivíduo em uma casa de axé requer, primeiro, que se peça a bênção, a Exú, a seu Orixá e depois ao Pai ou à Mãe de Santo. Depois, entender também que a produção social articulada dentro dos terreiros resulta em “uma bênção” social. Talvez essa, embora poética, seja uma categoria analítica mais bem sucedida para se observar os territórios que não cabem na teologia e que se iniciam e se encerram em si mesmos.

⁶ SIMAS, 2020, p. 27-28.

⁷ BRITO, Ênio José da Costa. *Veredas interculturais: leituras decoloniais sobre religião, história e literatura*. São Paulo: Recriar, 2020, p. 91.

Esse preceder sua publicação, na defesa de Brito, lança luz para a violência exercida pela prática dicotômica de se observar o mundo: moderno e arcaico, progresso e atraso. Como se, a partir de uma epistemologia hegemônica, só se é possível enxergar o mundo e produzir ciência por meio dessa ótica. O que está na fronteira, no anterior ou no posterior, nos atravessamentos, é desconsiderado.

Ainda por meio de uma leitura proposta por Brito para enxergar, também, as religiões de matriz africana em um contexto brasileiro, ficar preso a categorias que não abarcam as especificidades do objeto é fruto de um pensamento colonizador:

Quanto à diferença colonial, pode-se descrevê-la como uma diferença de pensamento e de tudo que envolve a visão de mundo e comportamento do colonizador e colonizado. Para percebê-la faz necessário levar em conta o lugar de onde o pensamento nasce, dado que possibilita identificar particularidades. Um autêntico contraponto ao pensamento do colonizador que quer homogeneizar.⁸

A prática de homogeneização do pensamento reproduz sempre a mesma forma de se observar o mundo, por isso, a provocação anterior deste texto de um “racismo epistemológico”.

Enquadrar as práticas de terreiro em uma “teologia” é homogeneizar, é lançar luz apenas por um lado, deixando encoberto e negligenciado muitas particularidades do todo. Entender a “cosmopercepção” de terreiro é observar de dentro para fora, é entender o que se constitui nos entre-lugares:

As práticas liminares produzem ações e pensamentos liminares, que foram negados, ocultados. Ações e pensamentos produzidos num terceiro espaço, no entre-lugar. Esta categoria foi bem trabalhada por Homi Bhabha. Espaço de contato entre o pensamento hegemônico e o subalterno, com suas táticas e estratégias de empoderamento [...] Do encontro de elementos culturais diferentes emergem entre-lugares, interstícios culturais onde a articulação social da diferença se dá sob a forma de negociação complexa, mescla de reencenação do passado, colaboração e contestação, onde ambivalências e antagonismos estão presentes.⁹

Um terreiro de candomblé, por exemplo, na cidade de São Paulo, que sobrevive há três gerações como o Axé Ilê Obá¹⁰ é reflexo dessa ambivalência e antagonismos, da colaboração e contestação, uma vez que sua prática religiosa atravessa o muro dos terreiros, onde se houver hipoteticamente uma prática teológica de candomblé, como explicar a continuidade exercida nas ruas? Estabelecida no dia a dia, em que a vida para o santo se mistura com a vida social do filho de santo?

⁸ BRITO, 2020, p. 60.

⁹ BRITO, 2020, p. 62.

¹⁰ Mais sobre o terreiro e a análise desses atravessamentos em sua trajetória estão na dissertação de mestrado citada na primeira nota.

Oyèrónké Oyèwùmí¹¹ revelou a cosmopercepção como uma categoria analítica para conferir a autenticidade a grupos subalternizados pelo cânone hegemônico, neste processo contínuo de colonização de corpos e de pensamentos.

Perceber e identificar essa autonomia é a contribuição científica que nós, cientistas da religião, podemos oferecer na produção de outras epistemologias em nossa área, que não reforcem conceitos domesticadores, nem tente encaixar comportamentos religiosos em caixas já pré-estabelecidas, conferindo um não-lugar ao grupo observado, em vez de identificar e analisar esse lugar.

Este trajeto de alinhamento entre a defesa de Simas para a não reprodução colonizadora, os recursos já apresentados por Brito na aplicação na Ciência da Religião e o conceito de Oyèwùmí, formam a tríade de embasamento desta reflexão. Nessa encruzilhada, primeiro nos deparamos com um problema epistemológico, depois percebemos que temos um método para superá-lo e um conceito próprio para classificar sem deslegitimar.

Ainda citando Simas, há um necessário movimento em nossa produção científica brasileira que nos desvencilhe da escola colonial e, enquanto pesquisadores e pesquisadoras, é preciso termos um cuidado responsável em relação a isso:

Precisamos de corpos fechados ao projeto domesticador do domínio colonial, que não sejam nem adequados nem contidos para o consumo e para a morte em vida. Precisamos de outras vozes, políticas porque poéticas, musicadas; da sabedoria dos mestres das academias, mas também das ruas e de suas artimanhas de produtores de encantarias no precário. A escola colonial, tão presente, busca educar corpos para o desencanto e para os currais do mercado de trabalho, normatizados pelo medo de driblar/gingar/pecar.¹²

Posto os possíveis caminhos desta encruzilhada epistemológica, é possível caminhar para a conclusão deste texto com o alinhamento à categoria de entre-lugar de Homi Bhabha¹³, afinal, quando se para em uma esquina, quatro possibilidades de caminhos se abrem e seguindo por um deles, na próxima, mais quatro.

¹¹ OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. *Gender Epistemologies in Africa: Gendering Traditions, Spaces, Social Institutions, and Identities*. New York: Palgrave, 2011.

¹² SIMAS, 2020, p. 60.

¹³ BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

Conclusão

Pesquisar sobre religiões de matriz africana no Brasil é um movimento conflituoso, o que poderia ser irônico, dado o fato de que a prática religiosa atravessa práticas sociais no país. Historiadores, cientistas sociais, antropólogos, outras áreas de pesquisa das humanidades já produziram estudos relevantes sobre o tema e construíram uma base legítima de análise e de referência, mas, a atenção, deste texto, é direta para a produção dos cientistas da religião.

Nossa disciplina é recente se comparada a essas outras supracitadas e com um histórico embaralhado com a Teologia cristã. Esses dois fatores resvalam nos dados observados em 2019 da pouca produção de pesquisas de religiões de matriz africana no curso de Ciência da Religião da PUC de São Paulo.

O levantamento revelou que 9 teses de doutorado e 38 dissertações de mestrado foram produzidas no Programa de 1987 a 2018. Em sua conclusão, os autores trouxeram à tona a dificuldade que pesquisadores e pesquisadoras têm de propor abordagens não-hegemônicas que entrem em conflito com os pensamentos ocidentalizados por apresentar “diferentes abordagens, de uma pesquisa sensível a tradições e sujeitos que, ao longo da constituição histórica do país, foram marginalizados e invisibilizados, na sociedade e nos estudos acadêmicos”.¹⁴

Observaram, ainda, que mesmo ao serem pesquisados, muitas vezes o são de maneira comparativa:

Neste primeiro momento, predomina uma tendência que podemos denominar comparativista, aproximando a temática afro do universo cristão brasileiro, católico principalmente, favorecido pela ênfase, então, no estudo da religiosidade popular. É a partir da pesquisa sobre as 'religiões do povo' que os cientistas da religião brasileiros começam a se aproximar do universo afro-religioso.¹⁵

É para esse movimento que este texto chama a atenção: tentar identificar uma teologia de terreiro é reforçar esse método comparativo excludente e deslegitimar o objeto estudado que tem a sua própria cosmopercepção.

O recurso de análise das religiões de matriz africana em sua especificidade está justamente em sua própria história, em seus atravessamentos, em sua identidade desenhada no entre-lugar. Um terreiro de candomblé se constrói e reconstrói atravessado por dogmas católicos, por filhos e filhas de santo algumas vezes vindos de outras religiões e carregando

¹⁴ BRITO, Ênio José da Costa; PIMENTEL, Cláudio Santana. Notas sobre os estudos das religiões afro-brasileiras nos Programas de Ciência(s) da Religião no Sudeste e Centro-Oeste do Brasil: origens e perspectivas. *REVER*, São Paulo, v. 19, n. 2, p.177-192, maio/ago. 2019, p. 186.

¹⁵ BRITO; PIMENTEL, 2019, p. 180.

consigo particularidades de pensamento e de comportamento que não são excluídos pelo terreiro, mas de alguma forma incorporados a ele. Essa ideia de cosmopercepção de terreiro é uma leitura autêntica para esses espaços religiosos que não invalida sua relevância enquanto agente social.

A atenção que nós, cientistas da religião, devemos ter é para a não reprodução de um racismo epistemológico, para não reforçar o lugar acadêmico da colonização do pensamento, que exclui o que não cabe em nossos conceitos herdados e reforçados por alguns métodos de pesquisa.

Não há um certo e um errado em se observar o mundo, nem mesmo em se produzir uma ciência. Não há uma cosmopercepção em detrimento de uma teologia, nem vice-versa. O que há é um pensamento colonizador, uma herança muito estrutural em nossa sociedade que recai, também, sobre nossa produção epistemológica.

A encruzilhada em que nos encontramos provoca essa reflexão e aponta caminhos. Temos nossos pares, nossos conceitos, nossas referências, só precisamos lançar mão deles.

Referências

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

BONINE, Eduardo. *Embranquecimento do candomblé? Uma análise da linha sucessória do Axé Ilê Obá, terreiro de nação Queto no bairro do Jabaquara, em São Paulo*. 2020. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

BRITO, Ênio José da Costa; PIMENTEL, Cláudio Santana. Notas sobre os estudos das religiões afro-brasileiras nos Programas de Ciência(s) da Religião no Sudeste e Centro-Oeste do Brasil: origens e perspectivas. *REVER*, São Paulo, v. 19, n. 2, p.177-192, maio/ago. 2019.

BRITO, Ênio José da Costa. *Veredas interculturais: leituras decoloniais sobre religião, história e literatura*. São Paulo: Recriar, 2020.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *Gender Epistemologies in Africa: Gendering Traditions, Spaces, Social Institutions, and Identities*. New York: Palgrave, 2011.

SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

USARSKI, Frank. A “tradição da segunda ordem” como fonte identitária da Ciência da Religião: reflexões epistemológicas e concretizações. *INTERAÇÕES*, Belo Horizonte, v. 13, n. 23, p. 23-37, jan./jul. 2018.